

A ficção para além do folhetim: o personagem Rocambole no noticiário no Rio de Janeiro do final do século XIX

Victoria Barros
Israel Ozanam

Resumo

Rocambole é um personagem literário criado pelo escritor francês Pierre Alexis Ponson du Terrail em meados do século XIX, conhecido por suas aventuras cheias de reviravoltas e situações inusitadas, que influenciaram a literatura de mistério e crime. Este artigo se propõe a estudar a presença desse personagem fictício em textos que visavam narrar acontecimentos reais, principalmente na imprensa carioca do final do século XIX, onde Rocambole aparecia com frequência em reportagens criminais. Nosso objetivo é compreender como a presença de Rocambole na literatura e no noticiário ilustra o entrelaçamento entre fato e ficção, especialmente por meio da análise de seu papel na construção textual da notícia. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para a discussão sobre a relação entre história e literatura que vai além da análise de textos explicitamente literários como fontes.

Palavras-Chave: Rocambole, ficção, noticiário.

A Fiction beyond feuilleton: the Rocambole character in the news in Rio de Janeiro at the end of the 19th century

Abstract

Rocambole is a literary character created by French writer Pierre Alexis Ponson du

Terrail in the mid-19th century, renowned for his adventures full of twists and unusual situations, which have influenced mystery and crime literature. This article proposes to study the presence of this fictional character in texts that aimed to narrate real events, particularly in the press of Rio de Janeiro at the end of the 19th century, where Rocambole frequently appeared in criminal reports. We aim to understand how Rocambole's presence in literature and news illustrates the intertwining of fact and fiction, especially through the analysis of his role within the textual construction of the news. By doing so, we hope to contribute to the discussion about the relationship between history and literature which goes beyond the analyze of explicitly literary texts as sources.

Key-Words: Rocambole, fictionality, news.

Texto integral

Introdução

O personagem Rocambole, presente no folhetim francês *Les drames de Paris*, escrito por Pierre Alexis Ponson du Terrail, se apresenta como uma figura literária complexa e ambígua. A narrativa do folhetim mostra Rocambole inicialmente como figura ativa do banditismo e depois, devido a uma renovação moral, ele retorna como um emissário do bem. Sendo personagem de um dos folhetins mais famosos do século XIX, Rocambole logo ganha fama dentro do Brasil a partir de traduções para publicações em jornais. Porém, nas últimas décadas do século, para além dessas narrativas em formato de romance-folhetim, o personagem também seria mencionado em reportagens criminais que, a princípio, não pertenceriam ao gênero ficcional.

À medida que Rocambole ganha notoriedade e repercussão nos artigos jornalísticos, ele passa a transitar entre ficção e não-ficção. Termos como “Novo Rocambole” ou “Rocambole Moderno” são frequentemente utilizados na comparação entre criminosos existentes fora dos textos e o personagem de Ponson.

Do ponto de vista metodológico, esse movimento de transição entre o ficcional

SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.

e o factual remete aos cuidados necessários na utilização da imprensa oitocentista como fonte histórica. Pois os periódicos não são apenas meios pelos quais acessamos dados sobre temas diversos, mas são eles próprios objetos históricos (LUCA, 2005) compostos internamente por gêneros variados que dialogavam entre si a partir das escolhas narrativas de seus redatores. No contexto aqui examinado, essas escolhas ocorriam num momento de grande expansão da imprensa brasileira numa direção que envolve, dentre muitas outras coisas, o investimento no noticiário e nos folhetins (LUCA, 2022). Assim, buscava-se ao mesmo tempo fundamentar as narrativas com notas colhidas em campo e elaborá-las em um estilo que provocasse sensação e atraísse leitores(as), aproximando-se dos folhetins do período (GUIMARÃES, 2013).

Dessa forma, o fenômeno Rocambole acaba por exceder o espaço reservado à literatura nos jornais e se torna um símbolo amplamente utilizado pelos autores para descrever e compreender certos criminosos e crimes do cotidiano das cidades brasileiras e particularmente do Rio de Janeiro. É esse percurso do folhetim ao noticiário que este texto se propõe a percorrer, inicialmente analisando a historicidade dos folhetins como espaço dedicado à literatura na imprensa, passando pela emergência do personagem Rocambole na França, bem como por sua recepção nos rodapés dos jornais brasileiros e, por fim, sua citação no noticiário.

Portanto, para adentrarmos em uma análise envolvendo Rocambole, personagem do folhetim *Les Drame de Paris* de Ponson du Terrail, e as matérias não literárias de jornais que estão associadas ao mesmo é preciso, antes de tudo, compreender o que era um folhetim no período em questão. Segundo Marlyse Meyer (1996), é durante o século XIX que a imprensa francesa restringe ao rodapé das páginas de seus jornais, escritos e notícias de entretenimento como piadas, dicas de beleza e moda, críticas de peças teatrais e de literatura, e claro a publicação de textos literários. Ou seja, para essa parte do jornal ia todo tipo de entretenimento que fugisse da rigidez das matérias que compunham a parte superior do jornal, devido à necessidade de um espaço nos jornais que gerasse bem-estar e interesse do leitor. A mesma autora afirma que no início do

século XIX, o folhetim “designa um lugar preciso do jornal: *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página”, o qual teria “uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento” (MEYER, 1996, p. 57).

O folhetim, traduzido do francês *feuilleton*, logo se torna um espaço onde novos e antigos escritores podem lançar crônicas e pequenas histórias com algumas continuções, mas é na Revolução de 1830 que o folhetim teve sua estreia oficial. Foi quando o proprietário de jornal *La Presse* Émile de Girardin e seu ex-sócio Ductacq, proprietário do jornal *Le Siècle*, descobrem as vantagens desse novo empreendimento e o retorno financeiro que teriam com o mesmo devido a seu baixo custo. Dessa forma, a partir de 5 de agosto de 1836 o folhetim literário é lançado em um formato contínuo:

O resultado foi um grande sucesso. A fórmula *continua amanhã* ou *continua num próximo número* que a ficção em série proporcionava ao folhetim alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal e, obviamente, como resposta, fazia aumentar a procura por ele, proporcionando-lhe maior tiragem e, conseqüentemente, barateando os seus custos (NADAF, 2009, p. 2).

A partir disso o *feuilleton-roman* se torna uma moda na França, onde brilha durante todo o século XIX, trazendo aos leitores dos jornais um estado de frenesi por novos números e as continuções das histórias. A comoção em torno delas se torna tão intenso que todo o espaço do rodapé das folhas fica dedicado à publicação literária, tendo vários nomes em seu repertório de escritores, como Alexandre Dumas, Eugène Sue, Xavier de Montépin, Paul Féval, Ponson du Terrail entre outros.

Nesse processo, foi preciso que os autores fizessem reformulações no estilo de escrita, a fim de gerar um interesse contínuo de leitores e leitoras e conseqüentemente o aumento da compra ou assinaturas dos jornais. Foi preciso que os autores atribuíssem aos folhetins características de sucessão e continuidade narrativa, para deixar ao final de cada edição os leitores envolvidos com o enredo. Essa técnica foi desenvolvida com precisão por Alexandre Dumas, culminando assim naquela fórmula “continua em um

próximo número” ou “continua amanhã” destacada por Yasmin Nadaf (2009).¹ É na década de 1840 que o romance-folhetim adquire especificidade na literatura, ou seja, o folhetim definirá um gênero de escrita e não apenas aquilo que se encontra no rodapé das páginas dos jornais.

No século XIX, na França, o romance-folhetim é dividido em duas fases: a primeira entre 1836 e 1850, e a segunda entre 1851 e 1871. Segundo Meyer (1996), durante a primeira fase, a população do campo vai em direção às cidades em busca de melhores condições de vida e de trabalho, o que faz com que o operariado cresça nas cidades e se torne a classe mais desfavorecida. É focado em trazer distração para esse público que o romance-folhetim entra como uma aposta das redações dos jornais, principalmente pelo fato de que nesse período os folhetinistas se voltam para a produção do folhetim “histórico” e do folhetim “realista”.

Com o folhetim histórico, os autores trazem acontecimentos do passado, suas ambientações e personagens icônicos, sem perder de vista as narrativas sobre temas que interessam à literatura atrelados à fórmula folhetinesca. O folhetim realista é aquele que busca narrar dramas do cotidiano, principalmente da cidade de Paris. Esta narrativa era a que mais interessava o público geral pela proximidade com suas vidas, com histórias que não se restringiam ao que fosse agradável de ler, mas abrangiam vivências duras e difíceis da burguesia e do proletariado, se tornando muitas vezes uma literatura de denúncia no período. Nesse modelo de escrita Eugène Sue se destaca por narrar de forma muito próxima ao operariado, o que fazia com que seus leitores se sentissem representados com seus folhetins, chegando muitas vezes a entrarem em contato com o autor para apresentar sugestões e contribuições para as histórias.

Ainda de acordo com Meyer, a segunda fase do romance-folhetim coincide com o início do Segundo Império na França, um período marcado pela concentração de poder

¹ Alexandre Dumas (1802–1870) foi um prolífico escritor francês do século XIX, conhecido sobretudo por seus romances históricos de aventura, como *Os Três Mosqueteiros* (1844) e *O Conde de Monte Cristo* (1844–1846). Sua obra insere-se no contexto do romantismo europeu e alcançou ampla circulação internacional.

nas mãos de Napoleão III, que procurou trazer modernização industrial e desenvolvimento econômico para a França. Nesse período a população de Paris cresce bastante, junto a várias cidades provinciais, devido ao aumento da indústria e, conseqüentemente, da classe operária. Nele também há perseguição às sociedades operárias e à militância política. Durante o Segundo Império, a imprensa sofre censura, multas, prisões, mas, mesmo assim, floresce muito, devido ao crescimento das províncias do interior, à crescente alfabetização da população geral e à chegada de novas prensas modernas às redações, o que proporcionou um aumento da produção.

É assim que o folhetim se renova sob um olhar de censura dos próprios editores para evitar a censura imperial e com grande intervenção do público na formação dos enredos, trazendo uma nova gama de temáticas, com narrativas exóticas, macabras, permeadas de sedução e drama, temas muito aproveitados no novo gênero literário que surge: o romance judiciário. É nesse contexto que nasce o *Rocambole* de Ponson du Terrail, um personagem envolto em mistérios, trapaças, disfarces, estratégias mirabolantes, com um enredo recheado de crimes e suspenses, além de personagens que se transformam e se reinventam de forma física e mental, principalmente o próprio Rocambole.

O boom folhetinesco nos jornais brasileiros

Com tamanho sucesso na França, não surpreende que o romance-folhetim chegasse ao Brasil com muita força, sendo inaugurado na década de 1830 nos rodapés dos jornais do Brasil com a publicação do folhetim *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, no *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro em outubro de 1839. Esse jornal foi um dos primeiros a anunciar em suas páginas a publicação de tais folhetins em livros por meio de várias tipografias na segunda metade do século XIX, algumas vezes antes mesmo de a história se encerrar nos jornais. Esse gênero persistiria no Brasil até por volta da década de 1930, quando começa a perder espaço para o cinema e o rádio. O romance-

folhetim logo se torna parte fundamental dos jornais, gerando aumento de assinaturas e trazendo retorno financeiro, assim como ocorreu na França:

O fenômeno romance-folhetim “folhetinesco” se estende a todos os jornais da corte. Ainda que não existam as necessárias pesquisas, de difícil execução dada a escassez de dados sobre tiragens e publicações, não faltam indícios da correlação entre a prosperidade do jornal e o folhetim. Os mesmos indícios apontados no *Jornal do Comércio* marcam a trajetória de outros jornais da corte: modificações sucessivas, mudança de formato, de diagramação, dos rodapés, dos anúncios. A publicação do folhetim parece imprescindível à sua vida (MEYER, 1996, p. 294).

A chegada dos folhetins ao Brasil trouxe a necessidade de tradução constante das publicações, pois, assim como na França, o romance-folhetim logo se torna objeto de consumo constante. Isso trazia a necessidade de diversidade dos folhetins ofertados e a rápida sequência de suas publicações, para que não perdesse a característica principal que tinha o gênero: a continuidade. Muitas vezes as publicações ocorriam de forma simultânea no Brasil e na França, o que fazia os jornais brasileiros traduzirem de forma rápida os folhetins, sendo Justiniano José da Rocha um dos pioneiros no trabalho para os jornais brasileiros, com traduções para o *Jornal do Commercio* de grandes sucessos como *O conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas.

Com a presença do tradutor nas publicações, é necessário chamar a atenção para as liberdades adquiridas por eles, as quais incluíam a realização de “correções” na história ou mesmo continuar por si mesmo alguma história interrompida para evitar a frustração dos leitores. Além disso, muitos deles também eram escritores e notavam a possibilidade de trazer suas próprias histórias para o rodapé dos jornais. De acordo com Lenita Esteves, acontecia também de “o tradutor insinuar que uma nova história era continuação de um folhetim de sucesso”. Com isso, o leitor “fazia a ligação com o autor francês de renome”, ainda que o autor mesmo fosse o tradutor (ESTEVES, 2003, p. 141).

Segundo Nadaf (2009) o crescente sucesso dos folhetins no Brasil se deveu não

apenas ao gosto pela literatura, mas pelo fato de que a imprensa nacional estava em processo de reestruturação após a maioridade de D. Pedro II, procurando diversidade e qualidade, enquanto tentava fugir das questões político-doutrinárias que rondavam o país no período. Ao mesmo tempo, o Brasil, e particularmente a Corte Imperial, apresentava grande receptividade à cultura francesa no período:

Na década de 1840, da difusão inicial do folhetim, o país já expressava firmemente, através da restrita elite intelectual e política, a sua busca pela construção de um Estado Nacional, mas dava sequência ainda a esse processo de europeização. Com o restabelecimento da ordem político-social decorrente da Maioridade, efetuou-se um retorno a práticas sociais e culturais imitadas do modelo francês, destacando-se entre elas a *flânerie*, teatros, cafés, saraus, leitura de livros estrangeiros, bem como a procura demasiada pelos artigos franceses, como os tecidos, porcelanas, perfumes, chapéus, móveis, e os livros, vendidos nos requintados comércios da rua do ouvidor e dos ourives (NADAF, 2009, p. 124).

Assim como o surgimento do romance-folhetim abriu caminho na França para a chegada de novos escritores, o mesmo acontece no Brasil, tornando esse momento um período de grande florescimento para a literatura nacional. O jornal se tornou rapidamente um meio para a divulgação de lançamentos dos livros de vários autores nacionais, além de que os romances-folhetins publicados no Brasil não eram todos de origem estrangeira. Isso deu margem à atuação de autores brasileiros, os quais mantinham as estruturas narrativas características dos folhetins com infundáveis suspenses, cortes abruptos de capítulos e continuações posteriores, optando muitas vezes pelas temáticas já existentes dentro do gênero, mas trazendo a narrativa para a sociedade na qual viviam os leitores.

A indústria do folhetim no Brasil se torna tão grande que alguns jornais chegam a publicar mais de um romance por edição. Igualmente, havia anúncios de venda em livros e fascículos dos folhetins mais famosos, anúncios de peças de teatro inspiradas em diversos folhetins populares, e a contratação de autores de forma exclusiva para

traduções de romances-folhetins franceses e para a encomenda de histórias originais desses autores.

Rocambole e as experiências rocambolescas

Pierre Alexis Ponson du Terrail nasceu no Sul da França em 8 de julho de 1829 e, segundo Meyer (1996), atribuiu a si mesmo uma linhagem imaginária que o tornava descendente do cavaleiro Bayard, trazendo dessa forma o título de visconde. Com estudos básicos, ele alistou-se na Guarda Móvel e combateu nas ruas de Paris em 1848. Em seguida, aos 18 anos de idade, teria começado a escrever em um grande jornal. Aos 24 anos já seria célebre (MEYER, 1996, p.106).

O autor foi celebrizado com seu personagem Rocambole, que adquiriu entusiastas em toda a França. Estes frequentemente escreviam às edições dos jornais com pedidos de morte ou retorno à vida de determinados personagens ou solicitando certas mudanças na trama, interferências que o autor aceitava sem problemas, tornando-se uma de suas principais características de escrita. É dessa forma que Ponson se torna um dos autores mais requisitados da segunda fase do folhetim até sua morte em 1871, enquanto lutava na guerra franco-prussiana.

O conjunto de narrativas que abrangem todas as histórias de Rocambole, *Les Drame de Paris*, é a obra-prima de Ponson du Terrail. Publicada entre 1857 e 1870, é considerado o romance-folhetim que inaugurou a segunda fase do folhetim, coincidindo com o Segundo Império francês e trazendo a influência política, social e cultural do período para as histórias (MEYER, 1996).

A primeira parte de *Os Dramas de Paris* é *A Herança Misteriosa*, que conta a história de dois meios-irmãos, Armando e Andréa. No leito de morte de seu pai, ambos descobrem que não são irmãos e que a herança que receberiam tem origens obscuras. Isso resulta em Armando ficar com todo o valor e Andréa passa a tramar formas de adquirir o dinheiro e destruir Armando. Rocambole entra em cena na segunda metade

da história, sendo descrito como um menino de rua, filho de um homem guilhotinado e acolhido pela senhora Fipart. Ele logo se torna aprendiz do infame Andréa no crime, artimanhas e trapagens. Já a partir da segunda parte de *Os Dramas de Paris*, nomeado de *O Clube dos Valetes de Copas*, o personagem Rocambole ganha um pouco mais de destaque na trama, dividindo com Andréa os prestígios na elaboração dos golpes, mas também conquistando o público leitor com sua mente tão nefasta.

É com a terceira parte da história, intitulado de *As Proezas de Rocambole*, que ele vira de vez o protagonista da série. O personagem Andréa ainda se faz presente, mas Rocambole se torna aquele a quem todos temem, aquele que trama e engana sem escrúpulos, sobre esse trecho da história, Gleyzer Ferreira afirma que:

Assim como Andréa, Rocambole está disposto a eliminar quem se coloca em seu caminho ou quem se torna um empecilho em seus planos. Nesta trama, Rocambole usurpou o grande título de Marquês de Chamery e pretendia levar até as últimas consequências para se passar pelo verdadeiro nobre. Para isso, ele precisava eliminar todos que conheciam o seu passado, ou seja, de um vagabundo sem pai nem mãe, sem título de nobreza, que vive da trapaça. Uma das pessoas que eliminou sem hesitar foi a mulher que o acolheu e que o criou, a viúva Fipart. (FERREIRA, 2020, p. 48.)

Além da viúva Fipart, Rocambole assassinaria ainda o próprio Andréa, tornando-se uma espécie de resumo dos males da sociedade. Ao longo de sua narrativa, Ponson du Terrail desenvolve um personagem cujas características tenderiam a ser desprezadas pelo público leitor. Mas, ao mesmo tempo que atraía sentimento de revolta, Rocambole também se tornou alguém cujas reviravoltas e desenvolvimentos todos aguardavam, principalmente devido à forma de o autor conduzir a história. Isso porque seu personagem costumava se sobressair de todas as dificuldades com os planos mais mirabolantes, levando em consideração – como foi dito – as sugestões e críticas dos leitores, e a necessidade do próprio jornal pelo formato folhetim. É daí que surge o termo *rocambolésco* como aquilo “Que abunda em aventuras inverossímeis; enredado, cheio de peripécias: trama rocambolesca.” (DICIO, Dicionário Online de Português,

2009).

No volume seguinte, denominado *A Desforra de Baccarat*, haveria o momento de vingança por todos aqueles que sofreram nas mãos de Rocambole. É onde o personagem recebe o castigo por todas as crueldades que fez. Esse castigo vem pelas mãos de uma antiga vítima do seu mentor Andréa ainda em *A Herança Misteriosa*, que após ser enganada se dedica a vingar-se e ajudar outros que sofreram como ela. Baccarat é inicialmente uma prostituta que passa por um processo de regeneração ao se recolher a um convento, mas aprende as artes da trapaça, do engodo e da cilada, porém com a intenção voltada para o bem. Ela é um dos poucos personagens que aparece com frequência na narrativa, Marlyse Meyer (1996) inclusive se refere à personagem como um “Rocambole de saias”, ainda que diferente dele nas intenções.

Em *A Desforra de Baccarat*, Rocambole paga por seus crimes passados, mas ao contrário do que costuma acontecer com os vilões em folhetins, não encontra o seu fim na morte, mas é condenado à prisão. O autor pode ter feito isso tanto para não tornar Baccarat a responsável pela morte de Rocambole, quanto para evitar o fim definitivo de um personagem tão característico. Tanto assim que o público parece ter aguardado um retorno dele.

O leitor do jornal não deveria esperar mais nada da ação e *A desforra de Baccarat*, quarto volume dos *Dramas de Paris*, parece encerrar a carreira do nosso herói. Mas como, pelo jeito, o público cobrou mais, e o público é rei, Ponson publicou sucessivamente dois romances, de interesse reduzido, onde o herói-título só fazia rápidas e quase inconsequentes aparições, *Os cavaleiros da lua* e *O testamento do grão de sal* (MEYER, 1996, p. 140).

É um momento em que Ponson apresenta Rocambole, talvez obedecendo aos anseios do público, mas o deixa à margem, dando foco a outros personagens. Nos volumes seguintes a *Os Cavaleiros da Lua* e *O Testamento do Grão de Sal*, Ponson faz com que, mesmo que com interesse reduzido, seu romance-folhetim e o personagem mais famoso permaneçam presentes no dia-a-dia e ainda esteja entre os gostos dos leitores.

Mas Rocambole tem agora uma nova roupagem, como demonstra Gleyzer Ferreira: “a

[SERTÃO HISTÓRIA \(ISSN 2764-3956\) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.](#)

partir dessa quinta parte, Rocambole se apresenta lutando, nas poucas vezes em que aparece, pelas forças do bem, se diz arrependido”. O autor complementa, porém, que “a trama desenvolvida por Terrail não nos dá maiores explicações dessa súbita conversão.” (FERREIRA, 2020, p. 51).

Rocambole passa, portanto, por um processo de mudança interior, com ideais e objetivos voltados para o bem. Mas é preciso ressaltar que ele não perde sua inteligência e astúcia para bolar os planos mais mirabolantes possíveis, ou mesmo esqueça suas técnicas de enganação e sedução, embora não as utilize mais para o mal.

Tal mudança é desenvolvida no volume *A Ressurreição de Rocambole*, publicado em 1865 no *Le Petit Journal*. Nele o protagonista retorna à cena expressando a sua regeneração e as aventuras que viveu junto a alguns entusiastas seus, como a antiga vingadora Baccarat. Em trechos de ausência do personagem, Ponson dá destaque às ações de sua trupe e de seu novo seguidor Marmouset, também um menino de rua que foi orientado por Rocambole – assim como ele mesmo foi por Andréa, só que em direção ao bem. É esse aprendiz que tem um maior destaque nos dois volumes seguintes, um intitulado *A Última Palavra de Rocambole*, *As Misérias de Londres* e o outro *O Regresso de Rocambole* onde uma antiga vítima, uma mulher forte e sedutora, torna-se antagonista em busca de vingança contra Rocambole, que consegue superar os desafios e salvar seu mais novo aprendiz.

O volume seguinte se chama *A Verdade Sobre Rocambole*, onde Ponson du Terrail narra em primeira pessoa como teve conhecimento das histórias de Rocambole, afirmando que o mesmo existiu de verdade e se encontrava preso nas galés. O autor narra as aventuras que viveu para conseguir tal testemunho, além de contar como foi sua experiência de escrita e algumas escolhas que fez durante a carreira de escritor, narrativa essa que Meyer (1996) descreve como uma “maravilhosa encheção de linguiça narrativa”, mas que não agrada o público.

Como Ferreira (2020) chama atenção, nesse momento o personagem principal muda mais uma vez, sendo o próprio autor o narrador-personagem, numa estratégia

narrativa de aproximar da realidade toda a história contada nos volumes anteriores. É nesse volume que Ponson também explica o porquê das mudanças empregadas em *Os Cavaleiros da Lua* e *O Testamento do Grão de Sal*. Elas se deveriam ao interesse do jornal *La Patrie*, onde publicou os folhetins inicialmente, pois as verdadeiras memórias que conseguiu seriam presumivelmente muito mais interessantes e foram engavetadas pelo jornal para serem lançadas em um momento mais propício que nunca veio.

Ainda segundo Ferreira (2020), isso levou a um acordo com outro jornal, o *Le Petit Journal*, iniciado com *A Ressurreição de Rocambole*, onde Ponson du Terrail também publicou outros folhetins. Mas após *A Verdade Sobre Rocambole* o autor muda novamente de jornal e assina com *La Petite Presse*, onde publica *A Última Palavra de Rocambole*, *As Misérias de Londres* e as várias histórias inéditas que possuía. Reunidas sob o nome *Rocambole* apenas, trazem à tona vários temas que já havia utilizado anteriormente, mas que faziam sucesso semelhante. É nesse mesmo jornal que o autor permanece escrevendo até o fim de sua vida.

Os caminhos percorridos por Rocambole, suas características enquanto vilão e em seguida como mocinho de enredos sensacionais foram, portanto, indissociáveis da relação entre imprensa e literatura. Isso nos permite compreender os aspectos da presença de Rocambole e do rocambolesco em matérias dos jornais do Rio de Janeiro do final do século XIX.

A ficção nos fatos: rocambole nas narrativas do noticiário

Como pudemos observar anteriormente, Rocambole se torna um sucesso de leitura popular na França e no Brasil, tornando seu nome (e expressões derivadas) parte do vocabulário corrente: Rocambole e rocambolesco estavam intimamente ligados a situações mirabolantes, crimes bem elaborados, fugas surpreendentes de prisões e a ações criminosas de um modo geral. É a partir dessas associações que os jornais do Brasil, durante a segunda metade do século XIX, após o lançamento do folhetim, e ainda

no início do século XX, utilizam com frequência o termo Rocambole em suas matérias para fazer referência a criminosos.

Uma análise dessa presença literária dentro de matérias que retratam a realidade faz perceber a fluidez com que se misturam o fato e a ficção. Para a presença da ficção em fontes presumivelmente não ficcionais ser levada em consideração, é importante reconhecer que há tempos o inverso já é admitido: os textos produzidos e divulgados como literários são fontes ricas para a compreensão da sociedade e do autor, existentes para além dos textos. Afinal, a literatura é permeada pelo contexto histórico e sofre influência dele:

Por mais que a obra de arte esteja relacionada ao prazer e seja fruto da imaginação e da criatividade, há outro elemento que a caracteriza: seu condicionamento ao contexto histórico e social em que o produtor está inserido e do qual não sai ileso. Esse elo com a realidade é o que permite transformar um texto literário em documento para estudar a História, a Educação e outros aspectos da sociedade. (NUNES; FIALHO; MACHADO, 2016, p. 796).

O processo de escrita literária está, portanto, intimamente ligado ao contexto histórico e social que o autor está inserido, e, claro, ao contexto histórico que ele atribui às suas histórias, característica que traz ao texto literário um cunho documental para o estudo histórico e social. Dessa forma podemos perceber que esses dois campos de estudo podem servir de apoio um ao outro. Como argumentou Santos em seu artigo sobre a relação entre história e literatura:

A intermediação da História com outras disciplinas resultou numa grande diversidade de estudos, com a incorporação de pensamentos por todas elas, e isso permitiu que diferentes conhecimentos e pontos de vista fossem explorados em uma iniciativa comum. A pluralidade de instrumentos, temas, abordagens e procedimentos, ocasionaram mudanças no território do historiador, descortinando novos campos

para semear (SANTOS, 2007, p. 119).

Esse cruzamento de fronteiras disciplinares pode ocorrer de no mínimo duas formas, pelo diálogo com a teoria literária ou com a própria literatura, amparada pela crítica e a história literária. Isso foi possível constatar nas páginas acima na reconstituição, com base na bibliografia especializada, do percurso histórico da produção literária de Ponson du Terrail no que se refere ao personagem Rocambole. A partir daí, existe a possibilidade de estender a análise desse percurso a um outro tipo de fonte que também existe dentro dos jornais, mas que a princípio não seria literária, ao contrário dos folhetins. Com isso, pode-se perceber em quais aspectos a presença de Rocambole se mistura com as narrativas factuais dos jornais e como se dá a composição de tais narrativas. Rocambole está presente nos jornais, além do folhetim, em anúncios de peças teatrais, vendas de livros e matérias criminais onde o personagem serve de adjetivo ou comparação dentro do texto, além de que a narrativa, mesmo que factual, pode assumir algumas características ficcionais e o contrário, com a ficção assumindo características não-ficcionais.

Embora ainda não seja muito explorada, em relação a São Paulo essa temática conta com trabalhos inovadores como o de Valéria Guimarães (2013) e Ana Gomes Porto (2010). Esta autora, por exemplo, mostra como a publicidade em torno do folhetim *Um crime no Paço Imperial* no final dos oitocentos mistura estilo factual com gênero ficcional para atrair o público:

Em *Um Crime no Paço Imperial*, folhetim publicado n'O Estado de São Paulo, o narrador, que se denomina o autor do texto, é o advogado de Itapetininga, Dr. Florêncio de Araújo Fontes - o que, na verdade, não passava de um recurso para chamar a atenção para a leitura da *extraordinária notícia* que a folha publicaria nos próximos dias, notícia que, na realidade, era um folhetim (PORTO, 2010, p. 117).

Podemos observar assim que não apenas o próprio folhetim presente no rodapé dos jornais servia como um artifício de vendas, mas também a incorporação de

características realistas aos folhetins, fazendo com que parecessem matérias verdadeiras para atrair ainda mais o público dos jornais. Da mesma forma, o contrário costumava ocorrer, a incorporação de características folhetinescas em artigos que narram acontecimentos reais. Um exemplo disso é a matéria “Um novo russinho”, da Gazeta da Tarde do Rio de Janeiro. Publicada em 13 dezembro de 1882, nela é narrada a fuga de Eduardo Farrugias, que estava preso na Casa de Detenção, utilizando como artifício para arrombar a parede um prato de folha. O fugitivo é chamado de *Novo Rocambole*, trazendo ao leitor rápida associação de sua leitura com o folhetim do referido personagem, além de que a descrição da fuga ao longo da matéria acontece semelhante a uma produção literária. Segundo o autor da notícia, “Para Farrugias a noite de ontem foi digna de figurar nas páginas de um romance de qualquer Ponson moderno”. Percebe-se assim o uso de uma narrativa literária para que a associação ao personagem e ao autor tragam maior interesse do público leitor.

Somado a isso é preciso se ater, tratando da literatura de crime, ao aumento significativo do interesse dos brasileiros na leitura de narrativas criminais, fosse em romances, folhetins ou notícias na segunda metade do século XIX, como aponta Gomes Porto (2013). Interesse este que os jornais procuravam alimentar, fosse com a veiculação frequente de notícias de crime ou a inserção de algum folhetim com tema criminal entre os tradicionais folhetins românticos que já circulavam:

Foi a partir da década de 1870 (...) que se pode notar um efeito multiplicador das narrativas de crime e de seus envolvidos. Elas tornaram-se uma realidade nos periódicos sob a forma de notícias e folhetins e também em volumes, apontando para a possibilidade da existência de uma cultura midiática e massificada no Brasil (PORTO, 2013, p. 150).

Provavelmente devido ao sucesso da história de Ponson du Terrail, *Rocambole* se torna uma citação persistente nas notícias de crime nas décadas finais dos oitocentos, principalmente pelo fato de o próprio personagem ter passado metade de sua história

como um criminoso. Isso pode ter levado os jornais a utilizarem de sua presença em matérias não ficcionais como um chamariz, além é claro da inclusão de características folhetinescas nessas matérias, como já citado anteriormente. Em um artigo na seção “Publicações a Pedido” da *Gazeta de Notícias* de 10 de março de 1893, alguém sob o pseudônimo *Themis* trata da transcrição de uma publicação sobre a presença de um funcionário não confiável na redação do jornal *Diário de Notícias*. Dando sua opinião ao final da transcrição, o autor diz “Será reclame para algum romance, ou andaré o Rocambole na terra?”.

É possível que por trás do pseudônimo *Themis* houvesse um jornalista. Porém, a seção na qual o comentário foi veiculado era aquela na qual o público leitor do jornal se manifestava a respeito das mais diversas temáticas da cidade, incluindo a própria imprensa e seu noticiário. Pela forma como opinou após transcrever a notícia, *Themis* alude simultaneamente a duas maneiras pelas quais o noticiário de um jornal poderia estar perpassado pela literatura. Primeiro, a notícia inteira talvez fosse ficcional e funcionaria apenas como um reclame, ou seja, uma propaganda de um romance a ser publicado. Segundo, talvez a notícia não fosse totalmente ficcional e algum sujeito que existia nas ruas do Rio de Janeiro estivesse conferindo factualidade ao personagem Rocambole, naquilo que em sua tese de doutorado Israel Ozanam chama de “processo de realização” de personagens literários pelo noticiário da imprensa (2018, p.507).

Como foi dito anteriormente, além de *Rocambole*, no mesmo período vem à tona o termo *rocambolésco* para representar ações inimagináveis e mirabolantes. Não se trata apenas de uma definição para um tipo de aventura em específico, mas sim todo o conjunto que envolve aquela ação, como aponta Meyer:

Pode-se então dizer que o termo *rocambolésco* não é somente um estereótipo definindo uma aventura descabelada, mas designa precisamente aquele conjunto de ações, conspirações, planejamentos por uma cabeça muito fria, de inteligência ímpar, para a urdidura da trama que permite, utilizando todos os talentos, todos os vícios, subornando, ameaçando, lançando mão do crime e da sedução,

alcançar a qualquer preço, sem o menor escrúpulo, desconhecendo até a menção da moral, a única meta que interessa; o dinheiro (MEYER, 1996, p. 120).

Essa definição pode ser mais bem compreendida com um artigo da *Gazeta da Tarde*, de 08 de janeiro de 1881, intitulado *Furto no Cemitério*, onde é narrado pelo escritor o roubo de correntes de latão, à meia-noite, por Policarpo José de Castro. Apesar da seriedade da situação, a escrita tem um tom quase cômico, mas o ponto em questão está logo no começo do texto, quando o autor diz: “que um homem rocambolesco faça arrombamentos num banco inglês... (...) Que faça outras tantas coisas nesse gênero... Tudo se compreende facilmente, naturalmente”. O que não se compreenderia, conforme o autor, seria um crime como o que resultou na prisão de Policarpo, pois este não teria as dimensões e o resultado financeiro de um crime rocambolesco (embora fosse igualmente desvinculado de preocupações morais).

Nesse mesmo texto da *Gazeta da Tarde* se percebe como a produção da literatura de crime se entremeia ao discurso do autor quando o narra uma trama rocambolesca trazendo o criminoso como uma espécie de herói caso consiga realizar suas façanhas, ainda que em prejuízo de outros. No caso dos noticiários, isso geralmente é acompanhado de um tom irônico, o qual aponta para a dubiedade na qual o próprio jornalista se encontra ao explorar a violência e o crime em suas narrativas sem renunciar a, de modo explícito ou não, avaliar moralmente os atos em questão. Esse estilo narrativo é uma característica comum dentro da literatura de crime conforme Gomes Porto:

Além da “estética do sensacional,” a literatura de crime apresenta características que a relacionam com a literatura popular. Possui, portanto, uma oposição clara entre “o bem” e “o mal”, com um tom melodramático. O criminoso, personagem principal, toma forma dúbia e, ao mesmo tempo em que é um homem inadequado para a sociedade, também figura como o herói (PORTO, 2013, p. 159).

Essa mesma dualidade entre o herói e o vilão pode ser vista em um artigo do SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.

Jornal do Brasil, de 27 de agosto de 1897, que traz como título o nome e inclui uma cópia da fotografia do famoso criminoso Afonso Coelho. A notícia não trata de nenhum crime específico, é uma descrição detalhada do criminoso, sua personalidade, origem e formas de agir. A dualidade é observada quando o autor, logo no início da matéria, diz:

Ei-lo, o celebre, o decantado Afonso Coelho, o herói de mil e uma proezas, cada qual mais engenhosa e todas elas de muita audácia. A sua inteligência, sagacidade e presença de espírito tornaram-no um moderno Rocambole (*Jornal do Brasil*, 1897).

Caso não se tenha conhecimento do que se tratam as mil e uma proezas de que Coelho seria “herói”, o criminoso acaba se tornando dentro da narrativa uma figura de aspecto positivo, principalmente quando tem suas qualidades ressaltadas, como a inteligência e a presença de espírito. Mas essa percepção começa a mudar quando o escritor define Coelho como um “moderno Rocambole”, aproximando suas façanhas às do personagem de Ponson. Isso é confirmado mais à frente no texto, quando se diz que os estelionatos realizados por ele no Rio de Janeiro, “em Minas, em Santos e em S. Paulo são tantos que, a despeito dos inquéritos policiais, ainda não se soube ao certo a soma por ele extorquida ao comercio”.

É preciso ressaltar que nas notícias de jornais Rocambole era predominantemente definido por seu aspecto criminoso e vilanesco, como se a regeneração que Ponson deu ao seu personagem não fosse relevante, ou mesmo não fosse do interesse dos escritores associar esse ponto da história de Rocambole a algum de seus textos jornalísticos. Com efeito, o encontro entre literatura e imprensa no noticiário dos jornais do Rio de Janeiro parecia render apenas personagens estáticos, cujas identidades eram fixadas do começo ao fim de suas histórias. Isso representa um desafio para os historiadores que buscam utilizar-se dessas fontes. Pois, por um lado, reconhecem o volume de informações fornecidas sobre sujeitos subalternizados fornecidas por elas. Porém, ao mesmo tempo, querem evitar as simplificações e generalizações identitárias das quais tais fontes foram imbuídas por um certo estilo

literário utilizado na elaboração delas (OZANAM, 2018).

Assim, o Rocambole que parecia interessar mais ao noticiário era aquele que era, afinal, rocambolesco, com todas as características que Meyer (1996) trouxe a essa palavra. Sobre isso, Máira Nunes (2011) afirma que o Rocambole vilão pode ser traduzido como uma representação do homem do século XIX que luta para evitar o sofrimento da existência, transformando-o em um ataque à sociedade. Daí a agressividade que serviria como um impulso mobilizador em combate às situações desagradáveis vivenciadas por ele:

É essa “agressividade” que caracteriza o personagem Rocambole. No romance, seu “ataque” ao mundo revela-se inicialmente como confronto social através do banditismo, do qual Rocambole espera extrair dividendos que compensem a situação social (NUNES, 2011, p. 3).

Nessa ótica, Rocambole é o vilão e a vítima, e a sociedade na qual ele atua se enquadra da mesma forma. Mais do que um tropo literário de folhetins e notícias sensacionalistas, esta era uma questão que perpassava os debates criminológicos no Brasil do período; e estes, por sua vez, deixaram marcas nos diálogos entre antropologia e história no século XX (OZANAM, 2021). No caso específico da literatura de crime, tal perspectiva reforça o embate entre o bem e o mal, e a ideia de dualidade do personagem principal, conforme demonstra Ana Gomes Porto.

À medida que Rocambole se faz presente nas manchetes de jornais como forma de comparação a criminosos reais, termos como *Novo Rocambole* ou *Rocambole Moderno*, como aconteceu na notícia sobre Afonso Coelho, passam a ser utilizados com alguma frequência. A partir disso, percebe-se uma transição, uma saída do personagem de um espaço ficcional para adentrar a realidade com pelo menos duas possibilidades. A primeira é quando ele assume um caráter factual devido à construção narrativa empregada, podendo ser confundido pelo leitor como alguém existente fora dos textos, no “processo de realização” do personagem literário mencionado anteriormente. A

segunda é quando Rocambole assume a característica de uma persona que pode ser incorporada a cada novo criminoso que tenha personalidade e crimes semelhantes, estando essa decisão a cargo dos redatores dos jornais.

Para entender melhor esse ato de realizar ou tornar real um personagem ficcional, podemos citar uma matéria da *Gazeta da Tarde*, de 12 março de 1881. Em uma seção chamada *Notas do Dia* é feita uma crítica aos esforços do Imperador e de seus ministros para resolver o caso de *Russinho*, um contrabandista do período que naquele momento se encontrava em liberdade. Em determinado ponto da matéria, o escritor narra o que seria uma conversa entre o Imperador e seu Ministro da Justiça, o Sr. Dantas. Nela, após o Imperador questionar o ministro sobre o que é feito de *Russinho*, receberá a resposta de que: “o *Russinho* é o filho de Rocambole e muito protegido como contrabandista por certos moradores desta cidade que vivem de contrabandos”.

Como foi anteriormente sugerido no caso da publicação a pedidos da *Gazeta da Tarde* em 1893, os leitores das notícias nem sempre pareciam ter certeza da factualidade do que estavam lendo. Do mesmo modo, não é absurdo supor – embora sejam necessárias mais pesquisas a respeito – que alguns leitores acreditassem na existência de personagens retratados nos folhetins, até porque havia um esforço por parte de alguns autores, incluindo Ponson du Terrail, em transmitir essa impressão. Desse modo, o narrador do diálogo (diálogo este possivelmente ficcional) entre o imperador e o ministro joga com essa dubiedade sobre o estatuto ontológico das vidas narradas nos jornais ao não especificar na escrita que Rocambole seria um personagem fictício cuja personalidade era semelhante à de *Russinho*.

Essa prática de atrelar personagens literários a sujeitos existentes fora dos textos, conferindo àqueles uma existência às custas destes não se restringia à imprensa carioca. Em alguns casos, a fama – ou infâmia – de ser a realização de um personagem literário extrapolava a província na qual o sujeito se encontrava. Isso pode ser visto em um artigo do *Jornal do Commercio* de Santa Catarina veiculado em 08 de novembro de 1887 intitulado de *Rocambole em S. Paulo*. A notícia trata da fuga de Bernardo José

Pereira, que inicialmente foi traficante de escravos, mas que depois se ocupou em falsificar firmas e conseguir empréstimos indevidos enganando várias pessoas. No corpo do texto não há nenhuma referência a Rocambole, a ligação com o personagem existe apenas no título do artigo “Rocambole em S. Paulo”, onde a escolha de palavras do escritor permite que Rocambole saia de seu espaço fictício e se faça presente na cidade de São Paulo, como um ser vivo que ludibria a todos. Dessa forma, podemos perceber que, assim como na matéria da Gazeta da Tarde sobre *Russinho*, a linha que separa realidade e ficção é facilmente cruzada.

Já a segunda forma de Rocambole adentrar a realidade, como uma *persona*, joga menos com a possibilidade de o leitor simplesmente tomar por real um personagem ficcional, mas sim torna o personagem um tipo representativo de um tipo de pessoa. Isso pode ser percebido em outro caso que extrapolava fronteiras, pois foi publicado na imprensa de Santa Catarina mas se refere ao Rio de Janeiro. Com o título *Romance a Ponson*, o texto de *A Regeneração*, de julho de 1886, transcreve a denúncia de *O Paiz*, jornal da Corte Imperial, acerca de um homem que vinha praticando crimes com grande engenhosidade, enganando famílias e com um convincente disfarce. No segundo parágrafo, o narrador declara: “Denunciam as linhas, que se vão ler, a existência nesta corte de um personagem misterioso e esperto, novo Rocambole, que pratica uma sucessão de crimes”. Aqui, embora Rocambole não seja trazido enquanto tal para a história e sim como apenas um modelo para o criminoso real, este tem sua realidade perpassada pela linguagem literária, a qual por sinal o descreve como um “personagem”.

Com efeito, não seria só essa vez que o termo “novo Rocambole” seria empregado para designar um sujeito pertencente a determinada categoria. A notícia *Juiz de Fora*, da *Gazeta de Notícias* do Rio em 13 de agosto de 1888 começa: “O novo Rocambole do morro da Gratidão, que enriqueceu à custa do trabalho de um homem honrado...”. No mesmo sentido, ainda que utilizando uma expressão diferente, o artigo *Cautela*, do *Jornal do Commercio* de 07 de novembro de 1888 denuncia Francisco Pinto Brandão como “perfeito Rocambole que é” por estar vendendo os bens de uma pessoa

sem sua autorização. Rocambole se torna então um adjetivo que qualifica um conjunto de pessoas com a mesma característica. Ou talvez seja mais apropriado dizer simplesmente que ele é *ficcional*, no sentido que Catherine Gallagher atribui a esta noção: um personagem não oposto à realidade mas sim capaz de referir-se à realidade de uma maneira ampla, a tipos, e não a um indivíduo em particular (GALLAGHER, 2009).² Nessas notícias é possível ver a presença de Rocambole como figura à qual os autores lançam mão para tratar de um determinado tipo de criminosos, que são estelionatários, enganadores, fraudadores, que se encaixam junto às características de Rocambole e acabam por utilizar sua persona em textos e artigos de jornais.

Considerações finais

Rocambole, a partir de sua inserção em textos de jornais, nos apresenta uma mistura entre o real e o imaginado. Dentro de estilos de narrativas diferentes, jornalístico e literário, o personagem é um exemplo das possibilidades de transição entre ambos os mundos. Essa mescla entre o referencial e o ficcional dentro da produção de matérias jornalísticas ou mesmo dentro da literatura de crime suscita a princípio a reflexão sobre o uso da literatura como fonte para produção do saber histórico.

A análise dos artigos de jornais que envolvem a figura de Rocambole como adjetivo ou referência traz à tona a necessidade de tornar a reflexão sobre literatura parte da pesquisa histórica mesmo quando as fontes e as problemáticas de pesquisa não são explicitamente literárias. Afinal, historiadoras e historiadores que estejam utilizando o noticiário carioca do final do século XIX como fonte para qualquer tipo de pesquisa terão dificuldades em entender o significado da presença de Rocambole em escritos que não são ficcionais se não tiverem tido nenhum contato com o folhetim *Os Dramas de Paris* e as camadas que envolvem seu enredo e personagem.

² Uma crítica à interpretação de Gallagher sobre a história da ficcionalidade pode ser encontrada em Monika Fludernik (2018).

Ao mesmo tempo, toda produção literária, por mais fantástica que pareça, mantém alguma relação com a realidade, já que o escritor não se desvincula do tempo e do espaço em que vive. Como lembra Grecco (2014, p. 46), a literatura pode ser vista não só como obra estética, mas como manifestação cultural, o que legitima seu uso como fonte pelo historiador. Dessa forma, mesmo a ficção nasce das condições concretas de uma sociedade. É nesse contexto que o autor concebe seus universos imaginários, nos quais projeta sonhos, utopias e desejos, “explorando ou inventando através de diferentes signos linguísticos”.

A literatura está relacionada à sociedade e isso a torna fonte histórica. Ao mesmo tempo, as escolhas metodológicas e narrativas de quem a utiliza como fonte para produzir historiografia podem ser compreendidas como parte constituinte da definição dos significados dos eventos passados. Essas questões são relevantes por interferirem diretamente na identidade profissional da historiadora e do historiador, bem como no status da história entre a ciência e a literatura. Não é por acaso que desde no mínimo os anos 1960, com a obra de Hayden White, elas vêm sendo discutidas por historiadores, filósofos e críticos literários.

Diante das proporções, e por vezes impasses, desse debate, o que se buscou no presente artigo foi um caminho alternativo, não se concentrando em discutir estritamente nem a relação entre o texto historiográfico e o literário, nem o lugar de textos explicitamente literários entre as fontes históricas. A intenção foi demonstrar que existe um espaço de reflexão epistemológica na busca por entender a narratividade daquilo que é mais associado à cientificidade da historiografia: as fontes históricas que foram produzidas como factuais. Não para simplesmente dizer que elas são ficcionais, e sim para historicizá-las e estudar o papel que a imaginação e a observação empírica possuíram no seu processo de produção. No que se refere ao Rio de Janeiro – e outros lugares, como Recife e São Paulo – do final do século XIX, essa complexidade narrativa incluía não só o noticiário, mas também outras fontes que a princípio nada teriam de literárias.

Nas reportagens criminais do período era comum recorrer a registros policiais, de modo a conferir verossimilhança às personagens descritas. Essas narrativas não apenas exploravam elementos de ficção, mas acabavam por influenciar a própria polícia, que passava a perseguir indivíduos ou grupos “notabilizados nas narrativas criminais, independentemente de terem sido ou não processadas e condenadas pela justiça” (OZANAM, 2022, p. 261).

Referências e fontes

AFFONSO COELHO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1897, edição 00239, p. 1. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_01&pesq=rocambol&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=8212. Acesso em: 20/06/2023.

CAUTELA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1888, edição 00311, p. 4. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_07&pasta=ano%20188&pesq=rocambol&pagfis=21559. Acesso em: 20/06/2023.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rocambol/>.

ESTEVES, L. R. “A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 42, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639377>.

FERREIRA, G. O. A. *Confortavelmente entorpecido: produção e consumo de romances de folhetim na obra Rocambol, de Ponson du Terrail*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, p. 144. 2020.

FLUDERNIK M. “The Fiction of the Rise of Fictionality”. *Poetics Today*, vol. 39, n.1, fev. 2018.

FURTO NO CEMITÉRIO. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 8 jan. 1881, edição 00007, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=rocambol&pagfis=608>. Acesso em: 20/06/2023.

GALLAGHER, C. “Ficção”. In: MORETTI, F. (org.). *O romance 1: A cultura do romance*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 629-658.

SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.

GRECCO, G. de L. “História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação”. *Revista Brasileira de História*, v. 6, n. 11, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10546>.

GUIMARÃES, Valéria. *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. Campinas: Mercado das Letras, 2013. Disponível em:

https://www.academia.edu/34277705/Not%C3%ADcias_Diversas_Suic%C3%ADdios_por_amor_leituras_contagiosas_e_cultura_popular_em_S%C3%A3o_Paulo_dos_anos_dez.

JUIZ DE FÓRA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1888, edição 00225, p. 4. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&Pesq=rocambole&pagfis=14234. Acesso em: 20/06/2023.

LUCA, T. R. de. “Imprensa no Brasil: notas Sobre a Passagem para o Século XX”. *Revista BBM*, nº 3, Jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/publica%C3%A7%C3%B5es-bbm/revista-bbm-n%C2%BA-3/>.

MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Y. J. “O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico”. *Letras*, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014>.

NOTAS DO DIA. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1881, edição 00061, p. 1. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=rocamboles&pagfis=823>. Acesso em: 20/06/2023.

NUNES, M. de S. “O Gênio do Bem e do Mal: Rocambole e as representações da sociedade francesa no II Império”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, julho 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849105_ARQUIVO_OGenioDoBemDoMal.pdf.

NUNES, M. L. da S.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. dos S. “Reflexões em torno da relação entre História e Literatura”. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 18, n. 3, 2016. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/2853/2427>.

OZANAM, I. “Histórias Sociais do Trabalho e da Literatura: Uma Distinção a Ser Evitada no Estudo do Pós-Abolição no Brasil”. In: LACERDA, D. P.; PEREIRA, M. S.; SILVA, N. G. (org.). *Liberdades fraturadas: diálogos cruzados em história social*. Santo André, SP: EdUFABC, 2022, páginas 231-269.

_____. “A opção de Mariza Corrêa pelo etnógrafo oitocentista”. *Horizontes Antropológicos*, v. 28, n. 62, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Y6PMXSYC7GryxdV38h7NS9q/?format=pdf&lang=pt>.

_____. *Quem era o Doutor Anísio? O desafio da ficção étnica à história social do Rio de Janeiro (1889-1916)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

PORTO, A. G. “Um esqueleto no Paço Imperial: literatura e política em alguns folhetins no início da República”. *Cadernos AEL*, v. 9, n. 16/17, 2010. <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/acl/article/view/2501/1911>.

_____. “Confeccionando ficções criminais: os arquivos e a literatura de crime”. *História Social*, n. 22/23, p. 143–163, 2013. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1206/839>.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1893, edição 00068, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pesq=rocambole&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=7802. Acesso em: 20/06/2023.

ROCAMBOLE EM S. PAULO. *Jornal do Commercio*, Santa Catarina, 8 nov. 1887, edição 00211, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=887862&pasta=ano%20188&pesq=rocambole&pagfis=6155>. Acesso em: 20/06/2023.

ROMANCE A PONSON. *A Regeneração*, Santa Catarina, 4 jul. 1886, edição 00144, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=892068&pasta=ano%20188&pesq=rocambole&pagfis=7650>. Acesso em: 20/06/2023.

SALES, G. M. A. “Folhetins: uma prática de leitura no século XIX”. *Entrelaces*, v. 1, n. 1, ago. 2007, p. 44-56. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/4890/3600>.

SANTO, Z. A. M. dos. “História e Literatura: uma relação possível”. *Revista Científica/FAP*, v.2, jan./dez. 2007, p. 117-126. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/1726/1071>.

UM NOVO RUSSINHO. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1882, edição 00285, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=rocambole&pagfis=2508>. Acesso em: 20/06/2023.

Os Autores

Victoria Barros

Universidade Regional do Cariri – Urca

Israel Ozanam

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFPE

Recebido em 07/2025 • Aprovado em 09/2025 • Publicado em 09/2025

SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.